

“E é importante não esquecer”: Dias Gomes, os *Campeões do Mundo* e a análise da atuação da esquerda nos anos de 1980

ALINE MONTEIRO DE CARVALHO SILVA*

Campeões do Mundo é um texto teatral, segundo o autor, Dias Gomes, que nos traz um mural dramático em dois painéis. Sua história se passa em diversos momentos entre 1964 e 1979, durante a ditadura militar brasileira. Escrita após a Lei da Anistia, de 1979, naquele mesmo ano, tem como suas principais personagens são Ribamar, Tânia Muller, Mário (ou Velho) e Carlão, que se envolvem, nos dias que antecedem e sucedem a final da Copa do Mundo de 1970, no sequestro do Embaixador americano. Para este artigo foram selecionadas quatro cenas que tratam da volta de Ribamar ao Brasil, após a anistia, e seu reencontro com Tânia. Em seus diálogos aparecem os questionamentos sobre o que eles fizeram durante o governo repressivo e surgem questionamentos em relação aos companheiros de luta armada.

Neste artigo, buscamos trabalhar a questão da anistia e as questões levantadas posteriormente sobre os atos praticados durante o período através do viés da cena cultural. Muitos artistas produziram obras durante e após o período militar sobre questões referentes à ditadura militar, trazendo para análise um grande leque de interpretações, vindas da produção artística nacional, sobre o período. Dias Gomes foi um dos primeiros a fazer uma avaliação sobre os acontecimentos ocorridos a partir de 1964 através deste texto. Usando a sua arte, utilizou-se da realidade para escrever ficção, objetivando, como fazia questão de afirmar, trazer o público para a reflexão sobre os acontecimentos aconteciam no país.

Os trechos escolhidos do texto teatral envolvem as personagens de Ribamar e de Tânia, no momento da volta do primeiro ao Brasil depois de nove anos de exílio na Europa. A primeira cena escolhida é a primeira da produção textual, que mostra a

* Aline Monteiro de Carvalho Silva é mestranda do Programa de Pós Graduação em História Social (PPGHIS) do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Iniciou o curso em 2010/1, sendo bolsista da CAPES.

chegada da personagem de Ribamar ao Brasil depois de anos fora do país. Nela, há também uma breve descrição desta personagem e da de Tânia:

[...] O primeiro plano da cena é invadido por manifestantes que conduzem faixas com os dizeres: SEJA BEM-VINDO À PÁTRIA – COMITÊ BRASILEIRO PELA ANISTIA – A UNE SAÚDA O COMPANHEIRO RIBAMAR – ANISTIA AMPLA, GERAL E IRRESTRITA. Tânia Muller está entre os manifestantes. Fotógrafos, jornalistas e um operador de TV com uma câmera portátil. Estamos no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, em 1979.

[...]

Quando termina a canção, Ribamar entre, com algumas malas num carrinho, e é imediatamente cercado pelos jornalistas e fotógrafos. Espocam flashes, o operador de TV grava tudo.

Voz – Viva Ribamar!

Todos – Viva!

Voz – Viva a Anistia!

Todos – Viva!

Coro – Ribamar! Ribamar! Ribamar! Ribamar!

Riba é carregado por um grupo de Manifestantes.

Voz – Viva democracia!

Todos – Viva!

Riba é abordado por uma moça, repórter de televisão.

TV-Repórter – Ribamar, o que é que você sente ao pisar novamente o solo de sua terra, depois de nove anos de exílio?

Riba – (Emocionado.) Nem acredito, nem acredito.

TV-Repórter – E quais os seus projetos?

Riba – (Atordoado.) Projetos?

TV-Repórter – É, dentro de um novo contexto político, que é que você propõe?

Ribamar – Primeiro comer uma boa feijoada.

Coro – Ri-ba! Ri-ba! Ri-ba! Ri-ba!

Repórter – (Para a câmera.) Sandra Helena para o Jornal Nacional.

Entra um grupo portando enormes bandeiras rubro-negras e vestindo camisas da mesma cor. Cantam.

TV-Repórter – (Para o operador.) É a delegação do Flamengo que tá chegando! Vamos lá cobrir!

Torcedores – Uma vez Flamengo, sempre Flamengo, Flamengo sempre eu hei de ser; é meu maior prazer vê-lo brilhar, seja na terra, seja no mar, vencer, vencer, vencer, uma vez Flamengo, Flamengo até morrer.

Os torcedores saem cantando, com a adesão dos manifestantes políticos, jornalistas, fotógrafos, etc. Somente Tânia permanece, empunhando um cartaz: “Seja Bem-vindo, Companheiro”.

Riba – (Só agora vê Tânia.) Tânia!

Tânia – Oi, Riba. (Larga o cartaz e os dois se abraçam calorosamente.)

Riba – Puxa via, você tava aí... Não tinha visto.

Eles se olham nos olhos, emocionados.

Riba – Que bom te encontrar.

Tânia – Não esperava que eu viesse?

Riba – Sei lá... claro... quer dizer, tanto tempo fora, a gente volta sem saber direito o que vai encontrar, ou não vai encontrar, o que restou...

Tânia – (Sorri.) Eu restei.

Riba – Restou... e não mudou nada. A mesma Tânia...

Tânia – Bobagem. Quem é que não mudou? Tudo mudou.

Riba – Vendo você, não posso deixar de lembrar... Carlão, o Velho Baiano...

Tânia – Estão mortos, você sabe. O Velho foi assassinado.

Riba – Soube na Europa.

Tânia – Montaram uma daquelas farsas pra dizerem que ele resistiu à prisão. Com Carlão nem se preocuparam, sumiram com o corpo, mas se sabe que ele morreu empalado.

Riba – (Como se sentisse na própria carne.) Filhos da puta.

Riba tem 35 anos e um olhar de náufrago que mal acredita ter chegado à praia. Tânia tem 31, bonita, segura de si, passa determinação e experiência.

Riba – Daquela turma do sequestro, só nós restamos inteiros, eu acho.

Tânia – (Irônica.) Inteiros... Será que estamos inteiros?

Riba – É... tanta água passou debaixo da ponte...

Tânia – Não vamos falar disso agora. Você mal chegou...

Riba – Temos tanto que conversar... muito que discutir.

Tânia – Claro... e há muito tempo para isso. [...] (GOMES, 2004: 39-45).

A segunda cena, de número XIV, se passa no apartamento de Tânia - assim como as posteriormente transcritas - local para onde Ribamar vai após a sua chegada ao Brasil:

[...] Riba – Posso ficar aqui ate arrumar um apartamento?

Tânia – Sem problema. Quanto tempo quiser. Numa boa. Este apartamento é meu e já serviu de geladeira para muita gente. Foi aqui que me escondi logo depois do sequestro, até conseguir sair do país.

Riba – Você não foi banida.

Tânia – Não, consegui atravessar a fronteira no Sul. Estive no Chile, Peru... foi lá que soube que você tinha sido preso e depois trocado pelo embaixador suíço.

Riba – Quando você voltou?

Tânia – Há um quatro anos.

Riba – Não foi presa?

Tânia – Fui, me encheram um pouco o saco, mas o troglodita, meu pai, livrou minha barra. (Ela serve o café.) Pirei, fiz sonoterapia... e to aqui.

Riba – Você me parece muito bem.

Tânia – Bem em que sentido?

Riba – Bem de cuca.

Tânia – Quatro anos de análise.

Riba – Que tal o casamento de Freud com Marx?

Tânia – São felizes e tem muitos filhos. De vez em quando um corneia o outro, mas tudo bem.

Eles riem.

Tânia – É claro que as feridas cicatrizam, mas deixam marcas. Ou a gente faz uma plástica para efeito externo, ou deixa... só para agredir. Você...

Riba – Umass poucas certezas e muitas dúvidas. Apesar de ter tido muito tempo pra pensar, acho que algumas dessas dúvidas vão morrer comigo. Dentre as poças certezas está a de que a revolução socialista no Brasil não depende fundamentalmente de mim. (Ri.) Por incrível que pareça, eu já tive essa ilusão.

Tânia – Eu to te achando um pouco assustado.

Riba – O choque da volta... Acho que não cheguei ainda, to chegando aos poucos.

Tânia – Também agora não há pressa.

Riba – Há, sim. Trouxe algum dinheiro. Muito pouco. Tenho que arrumar emprego rapidinho.

Tânia – Tem alguma coisa em mente?

Riba – Sei lá. Não quero que a agência me queira de volta. Também não queria voltar a trabalhar em publicidade. Escrevi uma peça, vou tentar

encenar. Mas acho que não vai ser fácil. To pensando em tentar a tevê. Que é que você acha?

Tânia – É uma boa. De um modo geral, a barra tá pesada. Na imprensa, estão despedindo gente. O campo de trabalho cada vez menor.

Riba – O sonho acabou. O milagre econômico foi para a cucuia.

Tânia – Uma merda. A única vantagem é que agora a merda é para todos. Democraticamente.

Riba – É a merdocracia. Deu-se a Abertura, abriram-se as comportas e a merda jorrou, inundando o país. Fez-se distribuição justa da riqueza nacional.

Eles riem e param de rir de súbito, olhando nos olhos um do outro.

Riba – Quando eu te vi no aeroporto, levei um susto. Agora acho que o espantoso foi eu ter-me surpreendido com isso.

Tânia – A luta, o perigo e o sofrimento unem as pessoas para toda a vida.

A intimidade é quase epidérmica. [...] (GOMES, 2004: 108-111)

A terceira cena, número XXI, acontece no início do segundo painel. Ribamar e Tânia estão no mesmo local da cena anterior, mas a intimidade é maior.

Tânia – Em que você está pensando?

Riba – Tudo aquilo... Tanta gente... tanta gente... que foi feito deles?

Tânia – Quem?

Riba – Tavinho, Marcelo...

Tânia – Marcelo desbundou. Tavinho inda tá preso, teve a pena reduzida pra 30 anos, mas não pegou a Anistia. Lembra do Rocha? Virou executivo da Volkswagen.

Riba – Miranda?

Tânia – Tá meio lelé... Penotal na veia, éter no ânus.

Riba – Ouvi dizer que entregou muita gente.

Tânia – Há quem queira crucificá-lo por isso.

Riba – Não eu. A resistência física tem um limite além do qual toda estrutura psicológica se desintegra e toda ética vai para a cucuia.

Tânia – Há companheiros que não aceitam. Um comunista morre, mas não fala. Principalmente um dirigente.

Riba – Acho uma posição puramente romântica.

Tânia – Muitos morreram e não falaram.

Riba – Eu sei. Sei também que muitos morreram sem falar porque nada sabiam. E que em outros casos houve erro de cálculo.

Tânia – Mas houve heróis.

Riba – Acredito. Por mim, acho que se no tempo de Cristo os métodos de tortura tivessem chegado à sofisticação a que chegaram hoje, até Jesus teria entregue os doze apóstolos.

Tânia – De um modo geral, toda a esquerda se portou bem. Foram poucos os canalhas.

Riba – Camargo, que foi feito da Jandira, aquela garota loura...

Tânia – Camargo está na lista dos desaparecidos... Aquela garota loura foi metralhada no Araguaia.

Riba – E este é o final da história. Uma garota loura metralhada no Araguaia. O resto é silêncio...

Ouvem-se rajadas contínuas de metralhadora. Um grupo de guerrilheiros passa correndo ao fundo, enquanto slides são projetados. São cenas de guerrilha, entremeadas com fotos e Marighela, Lamarca, Guevara. (GOMES, 2004: 141-143)

Quarta cena, já ao fim da peça, número XXVII:

Riba – Que é que você acha? ...

Tânia – Que? ...

Riba – Você acha que nós cometemos um erro de avaliação?

Tânia – Isso não é hora de fazer autocrítica.

Riba – Você já fez?

Tânia – Não.

Riba – Parece que todo mundo exige que a gente faça.

Tânia – To ainda machucada. Isso é mexer nas feridas. Porra, o que importa é que a gente vai fazer daqui pra frente.

Riba – Você sabe?

Tânia – Não.

Riba – Então pelo menos que a gente saiba o que não vai fazer.

Tânia – Você não mudou nada. Sempre se questionando.

Riba – Você não se questionou durante todos esses anos? Suas intenções, os fins a que se propunha, as ações que praticou?

Tânia – Claro. Mas acredito ainda nas mesmas coisas.

Riba – Também eu. Ainda acho que a dignidade do homem é inseparável das intenções e dos fins a que ele se propõe. Só que entre as intenções e os fins quase sempre temos que passar por uma série de maus entendidos.

Tânia – Será que isso não é inevitável em todos os processos revolucionários? Ilusões, mal-entendidos...

Riba – Naquele tempo, nós nos julgamos capazes de ações individuais que podem mudar a face do mundo. E essas ações pareciam ter sentido... Era como se disséssemos ao povo, olha, vocês não precisam se organizar, nem fazer nada, porque há aqui um punhado de heróis que vai fazer tudo por vocês.

Tânia – Também acho que as coisas não podem ser julgadas assim, certo-errado, errado-certo. Qual é? Nossa geração teve outras opções. Não é justo que nos chamem agora para um ajuste de contas, de dever e haver, sem levar isso em consideração.

Riba – O que me pergunto é se nós adiantamos ou atrasamos o processo. Isso me fundiu a cuca durante todos esses anos. To me referindo à nossa ação como um todo, à luta armada.

Tânia – Era a única saída.

Riba – Pela pressa que tínhamos. Ou por não enxergarmos outro caminho.

Tânia – Não sei. E acho que algumas sementes, de todas as que plantamos, vingaram e deram força ao movimento popular de resistência, tempos depois.

Riba – É possível, se levarmos em conta os aspectos subjetivos.

Tânia – Há erros que não podem ser evitados.

Riba – É o que você acha?

Tânia – É.

Riba – Não estou certo disso.

Tânia – Só numa coisa eu te dou razão. Não devemos repetir. Não temos esse direito. Porque os tempos são outros. Nós também mudamos. Eu já passei dos 30 e você deve tá a caminho dos 40. Devemos ter vivido. É o mínimo que se espera de nós. E é importante não esquecer.

Eles permanecem pensativos, olhando para o teto, enquanto as cenas seguintes se desenrolam nos outros planos. (GOMES, 2004: 180-183)

As quatro cenas mostram as reflexões das duas personagens sobre as ações protagonizadas por eles durante a ditadura militar. A ligação entre os dois e as outras personagens, Carlão e Velho, vem do sequestro articulado pelos quatro do Embaixador americano. Outras cenas do texto teatral remetem a momentos anteriores e posteriores a este tema central do enredo, ocorridas entre 1964 e 1979.

Escrita em 1979, após a promulgação da Lei da Anistia, a peça de Dias Gomes utiliza acontecimentos reais para escrever uma ficção. O objetivo do dramaturgo era fazer

uma reflexão sobre um comportamento político do qual o sequestro de personalidades, a ação espetacular foi apenas um aspecto – bastante ilustrativo, sem dúvida – e por isso tomado aqui como síntese de uma visão histórica. É esse comportamento político como um todo, principalmente suas causas e seus efeitos, mais do que o grande o gesto em si, que procuramos iluminar. (GOMES, 2004: 32)

Para essa tarefa, utilizou depoimentos de pessoas que haviam vivido o período e participado dessas ações, além de utilizar suas próprias experiências como militante do partido comunista e intelectual de esquerda. Como em outras peças as suas, procura levantar questões com o propósito de fazer o público refletir e tirar suas próprias conclusões.

Dias Gomes pretendia, com seu texto, fazer o público pensar em relação aos acontecimentos, opções e ações ocorridas entre 1964 e 1979. Para o dramaturgo, não é função do “teatro revelar ou ditar a verdade. Mesmo porque o palco é o reino da mentira. [...] Mas o teatro pode conduzir a ela, armando o espectador para que ele possa, por si mesmo e fora do teatro, encontrá-la” (GOMES, 2004: 32). As reflexões de Ribamar sobre o que restou e a análise de suas ações anteriores são o tema central das cenas escolhidas. O texto teatral transforma em ficção fatos reais ocorridos para analisar o período, algo que interessa a esta breve proposta de reflexão.

Campeões do Mundo foi à primeira produção teatral que pode falar abertamente sobre o regime, sem se utilizar de metáforas e sem ser proibida pela censura. Após ela, tanto o teatro, cinema, produção literária, também passaram a tratar de forma direta o tema. Michael Lazzara, em seu trabalho sobre o Chile (LAZZARA, 2007), estudou como as experiências ocorridas durante o governo de Pinochet se traduziram em palavras e imagens. Para tanto, ele questiona sobre como se falar dessa ditadura, com que palavras, com que imagens, como lembrar desse passado, que linguagens utilizar para falar desse período. Essas reflexões também podem ser utilizadas para pensar as produções que discutem e falam sobre a ditadura militar brasileira após o fim desta. Também, como no caso chileno, há de se pensar nos desafios propostos em relação a esse tipo de obra ficcional, a história oficial do período e a memória dos vencedores de 1964.

O texto teatral de Dias Gomes se insere nessa reflexão. Ela é uma forma de perceber a memória do período, pelo menos em relação a um determinado grupo, como os intelectuais de esquerda ou os participantes da luta armada, e como essa experiência se reflete na sua produção textual.

A peça começa com a chegada da personagem de Ribamar depois de anos de exílio. Anistiado pelo governo, depois de ser recebido pelos companheiros – e tendo que dividir as atenções como a chegada do time do Flamengo – reencontra Tânia, que atuou com ele no sequestro do Embaixador americano e começa a recordar dos outros companheiros. Na descrição das personagens, Tânia é uma mulher segura enquanto Ribamar é descrito como uma pessoa perdida após toda a experiência vivida. A Anistia foi promulgada dias após a posse do general João Batista Figueiredo, em março de 1979, e foram agraciados pela lei os que para o governo haviam cometido crimes políticos entre 1961 a 1979. Ela acabou por beneficiar tanto os militares quanto os presos e exilados políticos, o que desagradou os militantes que queriam a punição dos torturadores e integrantes do governo. Ficaram de fora dessa primeira lista as pessoas que haviam cometido atos de violência, sequestro e assalto a bancos (CATELA, 2000: 300). É nesse primeiro grupo de anistiados que Dias Gomes se baseou para escrever a personagem.

Tanto na cena I quanto na cena quanto na cena XXI Ribamar questiona Tânia sobre outros companheiros de luta. A maioria está, segundo ela, morta, tanto em falsas cenas de resistência à prisão, tanto em salas de tortura ou na guerrilha rural. A questão dos desaparecidos é alvo de discussões até os dias de hoje. Muitos deles ainda não foram encontrados e há campanhas, como a ligada à Ordem dos Advogados do Brasil – OAB, que circulam pedindo informações e buscando a punição dos culpados por esses desaparecimentos. Segundo Ludmila Catela, a partir de 1995, com a criação de uma lei que responsabilizou o governo militar pela morte de cerca de 150 pessoas, iniciou-se a emissão de certidão de óbito reclamada por parentes e discutiu-se a questão do pagamento das indenizações aos parentes da vítima, reascendendo o debate sobre os desaparecidos. Dessa forma, a lei “atualizou as demandas dos familiares de desaparecidos, trazendo novamente ao debate público a necessidade da busca da verdade” (CATELA, 2000: 300).

Outro ponto que o texto da peça traz como provocação ao leitor/espectador são as muitas dúvidas e poucas respostas que o protagonista Ribamar tem. Apesar de mostrar mais segurança, Tânia prefere não fazer à autocrítica, acha que não é o momento. Uma das maiores questões é sobre se escolheram o caminho certo e o porquê suas escolhas tiveram, em alguns momentos, o resultado diferente do que pretendiam. Ribamar é mais cético em relação ao passado, Tânia está convicta de que o caminho escolhido não podia ser outro.

Campeões do Mundo buscar analisar as opções de parte das esquerdas para combater a ditadura militar durante os anos de 1960 e 1970. Dias Gomes nunca participou da luta armada, pelo contrário, se posicionava contra essa opção. Como intelectual, afirmava que usava a sua arte para pensar e questionar tanto as decisões dos militantes das organizações armadas quanto às dos militares – que sempre aparecem em cena ao longo do texto nos momentos de interrogatório e tortura. Em sua biografia, ao falar sobre a peça, o dramaturgo diz que

o teatro deve ajustar-se ao mundo e estar apto a reproduzi-lo, mas é preciso também que seja capaz e atuar concretamente sobre ele. [...]. Sim, o teatro não pode transformar o mundo, mas por seu intermédio podemos, sem dúvida, transmitir a consciência da necessidade dessa transformação. E, ao contrário do que julgam os que defendem para a arte uma atitude irresponsável perante a história, isso não constituiu um abastardamento, mas o reconhecimento do humanismo sem o qual ele carece de qualquer sentido. Para a minha satisfação, a crítica mais esclarecida entendeu perfeitamente os meus propósitos nessa experiência que marcava uma nova etapa no meu teatro. (GOMES, 1998: 304-305)

O texto teatral marcava uma mudança na escrita do autor, mas também marcava um novo tipo de teatro no país, mas livre, aberto, sem metáforas. O momento da transição e da anistia marcou a forma de escrever do autor, além, é claro, da história do país. Ainda hoje há um espaço aberto e a ser explorado sobre questões e feridas daquele período que ainda permanecem abertas. Atualmente, há que se pensar sobre a questão da redemocratização e dos processos de transição, além da questão dos direitos humanos e as punições aos perpetradores. *Campeões do Mundo* é uma das visões, produzida pela história não oficial, sobre as o período entre 1964 e 1979. Para além de

uma afirmação ou conclusão final do período, hoje, mais de trinta anos após sua feitura, nos oferece um caminho para a análise dessas questões ainda são pertinentes em relação a história recente do país.

Ao final da peça, Ribamar e Tânia concordam em um ponto. Considerando as ações feitas não podem ser encaixadas apenas no binômio de certas ou erradas, concluem que elas não devem ser repetidas. Porém, jamais esquecidas. Na cena final, enquanto Tânia sai para uma reunião com seus companheiros, Ribamar permanece no apartamento. Para ele, apesar de tudo o que aconteceu depois, pelo menos no momento do sequestro, eles tinham sido campeões do mundo.

Bibliografia:

CATELA, Ludmila da Silva. “Em nome da pacificação nacional: anistias, pontos finais e indultos no Cone Sul”. In *Democracia e Forças Armadas no Cone Sul*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2000.

GOMES, Dias. *Apenas um subversivo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. *Campeões do Mundo: um mural dramático em dois painéis*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

LAZZARA, Michael J. *Prismas de la memoria: narración y trauma en la transición chilena*. Santiago: Editorial Cuarto Propio, 2007.